

O ABC de Bernadette Lyra¹

The ABC of Bernadette Lyra

José Arthur Bogéa*

Aqui começa a dança², quarto livro da autora (1985), é uma novela fragmentada, como a escritura de “um anjo esquizofrênico”. Os personagens evoluem entre sexo, droga, religião, psicanálise e política, mas “o horror insuspeitável está no trivial”. Rico em intertextualidades cita Valéry e os Beatles, outros autores e compositores estrangeiros e nacionais, dentro de uma linha pós-modernista. A trama maior gira em torno de Ana, que com Antônio, Pepa e suas mariposas – “espécie de fatalidade” – e os companheiros Chicão, Dito, Neneta, além de Arturo, engendram desencontros. Através da mãe de Ana, Bernadette Lyra introduz na narrativa um metapersonagem “a pantera do tédio”, cujo salto traiçoeiro vai da sílaba tônica de uma a outra palavra, por cima da preposição: pan-te-ra/té-dio. (*Ler capítulo 22, CV³*)

¹ BOGÉA, José Arthur. ABC de Bernadette Lyra. *A Gazeta* (Caderno 2), Vitória, p. 1, 10 out. 1988.

* Ensaísta. Professor do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

² Mantêm-se a ortografia e a pontuação originais do vocabulário publicado no jornal, e corrigem-se equívocos de formatação (aspas e negritos omitidos ou inapropriados) (Nota dos editores).

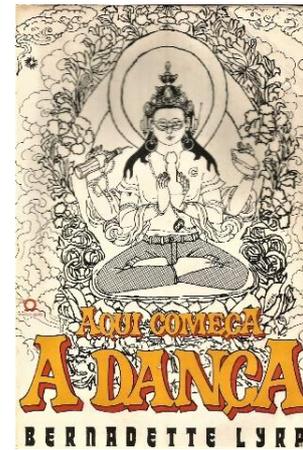
³ Abreviações usadas:

AC – *As contas no canto*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.

AD – *Aqui começa a dança*. Rio: Marco Zero, 1985.

CV – *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras*. Rio: José Olympio, 1984.

JD – *O Jardim das Delícias*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1984.



Capa de Jorge Cassol para *Aqui começa a dança*.

Bosch – BL tomou emprestado de Jeronimus Bosch não apenas o título do segundo livro **O Jardim das Delícias** (1984). O vermelho da capa, além das figuras que envolvem os personagens do conto que dá título à obra, são “traduções” do mestre flamengo, com uma seleção de símbolos alquímicos. Os sete velhos “sentados na doçura da tarde” podem ser identificados com os sete pecados capitais, mas correspondem, também, às sete etapas da *Ars Magna*: calcinação, putrefação, solução, destilação, conjunção, sublimação e coagulação. A autora fez desenhar a Árvore do sol do jardim dos Profetas na primeira e última páginas. Enigma que se junta ao do “anjo negro de calça Lee suada, asas com veludo” proposto ao leitor para um jogo de co-autoria. (Ler **O Jardim das Delícias** - JD)

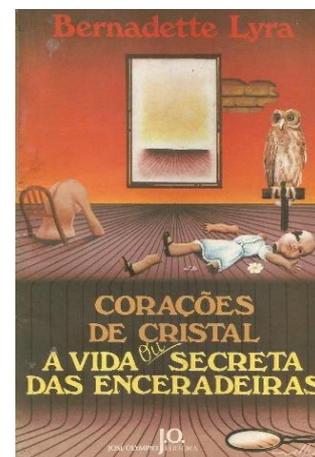


Capa de Ruth Mariana O. Franzotti para *O Jardim das Delícias*.



Desenho da Árvore do Sol de Ruth Mariana O. Franzotti e apresentação sobre a autora para *O Jardim das Delícias*.

Cores – desde o livro de estréia **As contas no canto** (contos/1981), a cor está intimamente associada à ficção de BL como o azul de Ruben Dario: “um hálito azul” (“Certeza”), “desenhos azuis” (“Dia de caça”), “fritilho azul” (“Três prendas”) e também a “pantera do tédio” em AD. Em JD a cor do pleno verão é trazida pelo cabo Leonélio (“Com interferência”) – no sentido contrário dos ponteiros do relógio, o sol/élio faz sua entrada na casa de leão/Leo numa cidadezinha qualquer do Norte: Leo-N-élio. O amarelo explode em “O dourado e o negro”, do mesmo livro no jogo do claro/escuro da paixão do sacristão pelo arcanjo. O vermelho predomina no terceiro livro **Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras**. (Ler “O dourado e o negro” – JD)



Capa de Willy para *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras*.

Dom – No prefácio de CV, Muniz Sodré diz que BL “possui o dom (palavra que se pode ressuscitar) do conto” e destaca a “paixão pelo essencial”; ressalta também que “parece estar mais preocupada com a palavra em si mesma”. Dom que se entende a novela [sic], mesmo quando deixa que o imaginário do leitor preencha as lacunas de um personagem ao telefone (capítulo 10 de AD). Paixão dionisíaca “onde as maravilhas e os horrores se movem” (“Certeza” - AC) e é capaz de provocar a “submersão do consciente no magma do inconsciente” (J. S. Brandão). Os personagens surgem como “figuras nietzscheanas da vida em oposição à visão sábia do apolíneo” (L. Secham). E há palavras de ressonância cruéis em sua formosura, como “ternureza” (“Três prendas” - AC). (*Ler capítulo 10 de AD*)

Elementos – Os contos de BL, especialmente no primeiro livro, podem ser distribuídos de acordo com os elementos. A terra, “origem de toda vida” (P. Diel) é destruída na “fábula” “A filha adotiva” (a educação da mulher). Na estória Água o apaixonado tenta reviver a amada no mar, mas, ambivalente (Freud), busca uma companheira para sua própria morte. O Ar e o Fogo, elementos ativos e masculinos (enquanto os outros são passivos e femininos) regem, respectivamente, “Álbum de figurinhas” (o tabu do incesto) e “As estrelas” (a doença da solidão). Estes elementos se fundem, entretanto, em “Três prendas” e se relacionam com os quatro pontos cardeais: “o velho Antonino” que chega e parte “alto e louro, um sol” (Leste-Oeste) depois de emigrar (Norte-Sul). (*Ler “Água” - AC*)



Capa de Octavio Kucht para *As contas no canto*.

AS CONTAS NO CANTO

Bernadette Lyra



Bernadette Lyra (Conceição da Barra, ES, 1938) é formada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e concluiu curso de mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente do Departamento de Línguas e Letras da UFES. Obteve o 1º lugar no III Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná – categoria universitária – em 1970. Está presente nas antologias *Contistas Capixabas e Poetas do Espírito Santo* (Fundação Cultural do Espírito Santo). Tem pronto um novo livro de contos, *O jardim das delícias*. Sobre este *As contas no canto* assim se pronunciou o professor Guilherme Santos Neves: “Bernadette Lyra foi uma das minhas inteligentes e melhores alunas do antigo Colégio do Carmo, em Vitória. Mais tarde, moçinha ainda, enviava-me de Conceição da Barra várias crônicas e poemas que eu levava ao jornal *A Gazeta*, que os publicava com o merecido destaque. Interessada, também, e sempre, pelo folclore capixaba, Bernadette mostra a sua extrema sensibilidade pelas coisas do povo-povo ao escolher como tema de sua tese de mestrado em Comunicação o *ticumbi*, folgado popular de sua terra natal, que é por ela estudado de forma séria e profunda. Agora, comprovando, mais uma vez, sua inteligência e boa disposição literária, publica este livro pungente, reunindo

contos de estranha criatividade, numa obra que trata da essência da angústia humana, construindo, a partir dos gestos do dia-a-dia e das fantasias do homem-sempre-criança, todo um universo mítico e lendário. São três partes que se interpenetram: segundo as espécies, essa palavra e as contas no canto, num fio condutor comum: o amor e o ódio, levando os leitores cada vez mais para dentro do labirinto da alma humana. Duvido (duvide-o-dó, como se dizia nos velhos tempos do Colégio do Carmo) que uma pessoa sensível leia contos como “*Branca de Neve e um anão*” (obra-prima a partir do título) sem que um arrepio lhe percorra o corpo. É livro, este, que há de deixar marca e cicatriz profundas na pele da nossa literatura.” As contas no canto inspirou o seguinte poema de Gelson Santana Penha:

toda dis- é
cussão
francamente impossível/boule-
z/canta contas
cortar zargos
vermelho/azul

aninh-ar
preto canto
cai-xa fe-minina
conto
menor distância entre canto
quarto inferno
dansartre outros
conta tântalo soma
setentaecinco/trintaesete
recorte tempo
vi/ver o-
corre cada ins- telar
tante
mud-ando si-ins
/bird cag'em- som-
bragaio l'ife
gecor-ta caixa sic-a morte
ser si sela can'trash-
o verme-red e blazul
úmido medo dadeus
araguabernadette
fio tenso vela
sumo tambor ten-
sol odor canta
ger-ânio mond'scai-tern
boca em boca
tele conta pele
brio luz/e fio
fim fito

Orelha (sem crédito) para *As contas no canto*, com poema de Gelson Santana.

Figos – “Pelo figo da figueira”, “Rapunzel” e “Branca de Neve e um anão” (AC) são recriações muito particulares do folclore e das estórias infantis evocadas apenas pelos títulos, pelos graus de parentesco (pai, madrasta, filha) ou símbolos (tranças, tesouras, cobras). No primeiro conto a cequinha vê apenas por uma janela que a madrasta manda “lacrar de traves e vigas”. Embora afirme que “ninguém pode mudar certas leis”, através de uma fala do pai, BL transgride não apenas a narrativa tradicional como transcende tarefas cotidianas. Outras estórias oferecem sugestões que vão do mitológico (“Hotel Hollywood” – AC) ao religioso (“Horto das Oliveiras” – JD) de final inesperado e insólito. A moral cristã

perpassa o falso e o preconceituoso que a autora denuncia. (*Ler "Horto das Oliveiras" – JD*)

Geometria – “Por detrás do círculo a fera me observa” – é o começo da “Cançoneta da bela casada” (AC) e BL subverte a geometria; de repente o centro da circunferência (o marido) está fora de seus limites. A autora também geometriza a escrita ao deixar as frases soltas como num poema (recurso que aparece em outros livros) sugerindo círculos encerrando outros círculos, ao nomear diferentes objetos. Se o leitor usar a figura do círculo e traçar uma secante a partir do diâmetro, é possível prefigurar o “quinto canto” aludido em **As contas no canto** (ver [o verbete] Números) “exatamente em noventa graus como os outros”. Canto que as pessoas preferem ignorar. O desenho se completa com a inscrição do quadrado dentro do círculo para sugerir a sala descrita ao Norte da casa. (*Ler "As contas no canto" - AC*)

Hora – É possível encontrar nos contos referências ao tempo como “na hora do almoço” (“Tempos modernos” – JD) ou “sempre um pouco antes das onze” (“Princesa das czardas” – JD) nunca entretanto uma definição precisa. O que BL fixa é o instante em que “alguns homens, nos bares, encomendavam já as primeiras cervejas” (“O dourado e o negro” – JD). O tempo pode ser um momento, apenas, na memória do personagem (“Tia” - AC) ou fusão com espaço “as corujas se movem um centímetro em direção da noite” (“Com interferências” – JD). Mesmo o fato de Stan passar a cavalo (“Tempo” – JD) fixa nos três personagens da estória uma noção maior de tempo, com um fragmento de solidão: o passado (a avó), o presente (o madeireiro) e o futuro (o menino). (*Ler "Com interferências" – JD*)

Inferno – É a condição da mulher (vítima porque cúmplice) desde o livro de estréia. Em **A Divina Comédia**, Dante apresenta os supliciados do primeiro ao último círculo; BL faz a trajetória inversa, do silêncio à palavra para a construção

do feminismo. É possível separar nove estórias de AC para ilustrar um inferno de danação. “Divisibilidade” (ressonâncias sartreanas) se passa no útero materno, o nono círculo (traidores) desse inferno particular. O personagem de “Três prendas”, que não conhece o batismo do amor – “dizem que casei bem” –, está no primeiro círculo (punidos pelo pecado original). Entre elas, outras mulheres convivem, sem imagem própria, com os fraudulentos, violentos, ímpios, coléricos, pródigos e avarentos, os gulosos e os voluptuosos. (Ler “Divisibilidade” – AC)

Jogo – Não apenas a co-autoria do leitor é uma proposta para a abordagem da obra de BL. A ordem das estórias em AC pode ser refeita a partir do conceito de que uma obra literária não se esgota numa única leitura. O livro não começa pelo conto “Os pântanos” que é apresentado como primeiro, mas sim, por “Certeza”, o terceiro na ordem, e os personagens formam um contraponto, masculino/feminino, em conflito com o universo de cada um. É principalmente com a presença do fantástico que “se dá como jogo, mas se coloca o sentido perdido, o objeto que não se sabe como mover sobre um outro tabuleiro de xadrez” (Bessière). “Impressionista, emocional e absoluta” para Lovecraft, “objetiva, científica e problemática” para Todorov, Borges responde: “toda literatura é fantástica”. (Ler “Os pântanos” - AC)

Lascas de Espelho nos Olhos – em “De jogos sem festa” (CV). O encontro entre Cora e um jovem ilustra a afirmativa de que “No caso da narrativa literária, ela está constituída de um conflito entre personagens que outra coisa não é que o enfrentamento de idéias, valores e posições diante da vida, expressões, enfim, ideologias” (L. F. Ribeiro). BL cega Narciso num universo, o literário, predominantemente masculino. O personagem anônimo de “Blau” (JD) mantém “a face oculta contra a visão da porta, a nuca ao espelho (...) no rosto amarelo a casca aberta, dura do amor e do medo”. Narciso cego e as heroínas do não-amor mais absoluto podem se encontrar, à margem de todo discurso literário do eterno feminino. (Ler “Blau” - JD)

Morte – “A pulsão suave do amor e da morte formigava de novo em meus dedos” (“Letícia” – CV) – amor e morte são indissociáveis nos escritos de BL. Não apenas a morte física, numa belíssima evocação da infância, como nesse conto, como também a morte efetiva em “O perfume dos mortos” e a morte social em “Tardes silenciosas de Lindóia” (ambos em JD). A fixação incestuosa de Pepa faz com que, numa *trip*, ela visualize o pai metralhando a mãe. “Todo mundo tem hora que pensa em dar um corte na vida” – diz o mesmo personagem ao narrar para Antônio sua tentativa de suicídio. Na fantasia da mãe de Ana, “Por ser tão específica, a morte requer elegância” (AD). A marca da morte, mesmo de ratazanas e cachorros é mais forte na meninice como em “Chip Chip meu gatinho” (JD). *(Ler “Letícia” – CV)*

Números – A maioria das estórias de BL gira em torno de três personagens. Em três partes também está dividido AC: “Segundo as espécies” (citação do Genesis), “Essa palavra” (Cortázar) e “As contas no canto” (uma adivinha). Nesse mesmo livro os contos 1 e 2 estão intermeados por um terceiro (“Visita”). O três e seu múltiplo nove são caros à autora, este uma consequência da soma dos quatro lados da sala de cinco ângulos. O três, o número perfeito, é a soma dos seus anteriores, e se completa com a simbologia do novo, infernal e divino. Em JD surge o bíblico sete com todas as suas evocações. Algumas “coincidências” precisam ser destacadas em AD: Pepa e seus três amigos aparecem no capítulo 4 e a experiência homoerótica de Antônio é insinuada no capítulo 24. *(Ler capítulo 4 de AD)*



Bernadette Lyra (foto de José A. Magnago)
no ano do lançamento de *Aqui começa a dança* (1985).

Objetos – “O simbolismo do objeto depende de sua natureza. Mas, em termos gerais, todo objeto constitui uma construção material em que aparecem conteúdos inconscientes” (Jung citado por Cirlot). Ao lado de sugestões alquímicas, mitológicas ou mágicas. BL transforma em símbolos objetos do cotidiano. Todos eles reunidos em “O dia da caça” (AC). Nesse conto o leitor identifica o acordeon do Velho Antonino (“Três prendas”), almofadões (“Certeza”), tapetes (“Os pântanos”), etc. Cada objeto transcende, no universo da autora, a um significado especial como o “cálice de genipapina” (“Sessão cultural”). Mas, sobretudo o espelho, mesmo quando apenas sugerido, como na repetição de uma palavra na mesma frase, é que remete a um Narciso cego entre os personagens. (*Ler "O dia da caça" – AC*)

Prendas – O conto “Três prendas” (AC) é uma obra-prima do gênero na literatura brasileira. O personagem, anônimo, narra sua estória, com o *leit-motif* “amar mesmo, não amei”, em torno de lembranças: “um fitilho azul-claro, uma pétala de rosa-chá, uma folha amarelecida pelo tempo (...) meu único afago possuído”. Essas “coisinhas leves” remetem ao passado onde está perdido o nome do “filho do Velho Antonino”: “olhinhos de conta”, “face rosada”, “cabelinhos de ouro”, “comecim” de amor. Os gregos classificavam o amor em três categorias: Eros, Ágape, Sofia representados pelo marido, o médico e o moço, anônimo também, como os melhores personagens de BL e em correspondência com a narradora. No velho Antonino “alto e era louro” está inscrito o mito do eterno retorno e, por trás da narrativa, o painel social da imigração. (*Ler "Três prendas" - AC*)

Querubim – Em “No ar seu elemento” (JD) uma velhinha “navegava e pensava como um querubim, lamentando que jamais vira o rosto de um deus”. BL aproxima o cristão do pagão e, na galeria de seus personagens, os anjos, simples anjos, querubins e arcanjos, assim como os gêmeos ocupam um lugar especial. Aparecem em “Extermínio da raça” (AC) “em bandos e pousavam muito calmos,

entre os galhos do pé de abricó”. Em “Terê e os anjos” (CV) dois anjos gêmeos aparecem num noticiário de televisão, “nas pupilas dos anjos Terê vê um inferno de raiva e arame farpado”. Entre a realidade e a fantasia, “jogo de representação e do falso” (Bessière), “os anjos surgem como mensageiros de solidão e devastação”. Os gêmeos estão presentes em “Divisibilidade” e “No último círculo”. (Ler “Terê e os anjos” – CV)



Bernadette Lyra (foto de Ailton Lopes)
no ano do lançamento de *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras* (1985).

Rosa – Entre os símbolos criados por BL a rosa de “Rosa Rosae ou descanse em paz meu amor” (AC) alcança a ambigüidade do andrógino. Funde o masculino – “o botão de rosa” – com o feminino – “pétalas entreabertas da rosa”. Morre a mulher, mas a libido insaciada permanece atormentando o marido. Puro “horror que nos vem da alma” (Poe). Em “O dourado e o negro” (JD) a “flor de fogo” que “incendiava os cabelos do arcanjo” lembra a rosa de ouro dos alquimistas chineses. E a metamorfose por que anseia o sacristão, ao se ferir no “fio de metal” é do humano para o divino: tornar-se um deus para ser adorado ou dar vida à figura para amar. O anjo negro de “O Jardim das Delícias”, com referência ao mercúrio, reúne também “os princípios contrários e complementares” (Barbault). (Ler “Rosa Rosae ou descanse em paz meu amor” – AC)

Saturno – O mais jovem dos titãs, filho de Urano, põe fim à primeira geração dos deuses cortando os testículos do pai. Para evitar a profecia de que seria destronado, devora seus próprios filhos. No conto “No último círculo” (AC) a referência ao sábado revela uma implícita relação com Saturno. O circo que perturba os serviços religiosos destina a renda desse dia para a igreja, uma alegoria de que toda religião devora seus seguidores. Em alguns contos, BL inscreve o quadrado dentro do círculo: neste é o círculo/circo que se inscreve no quadrado/prça. O circo armado na “área onde se passavam as estações do Senhor dos Passos” é mais um confronto, em toda a obra, entre o sagrado e o profano: “E na igreja em ruínas os ratos entravam e saíam”. (*Ler “No último círculo” – AC*)

Tarô – A leitura do conto “Tempo” (JD) se completa com as cartas do Tarô. Os três personagens se relacionam através da profissão de Stan (“madeireiro”), da raiva da avó (“enrijece que nem galho de ingá”) e o brinquedo predileto do menino (“vara de pegar passarinho”). Deste confronto resulta o Rei, a Dama e o Valete de Paus que correspondem aos Arcanos Maiores da Sacerdotisa, o Enamorado e o Mago, este, capaz de dominar o tempo, o que é ressaltado na frase final “O menino, só, espera”. Outros contos também registram essa vertente do fantástico. Em “Últimos dias de Gomorra”, os meninos brincam com a bola sob a chuva são “traduções” do arcano o Sol. Os personagens de “Certeza” e “Os pântanos” (JD), anônimos, têm estreita ligação com o arcano “O louco”. (*Ler “Tempo” - JD*)

Urália – O título desse conto (JD) remete ao planeta Urano, “deus dos Céus, na teogonia de Hesíodo, é o símbolo de uma proliferação sem medidas e sem diferenciações, que destrói por sua abundância mesma tudo o que engendra” (Virel). “O personagem-narrador fala do fato de amar a terra, num lugar em que todos devem ser pintores. A exceção não permitida (...) símbolo do mundo, que prende, cerca e determina o destino do indivíduo” (F. A. Ribeiro). A simbologia dos planetas na obra de BL, além das sugestões, pode ser detectada nos dias da

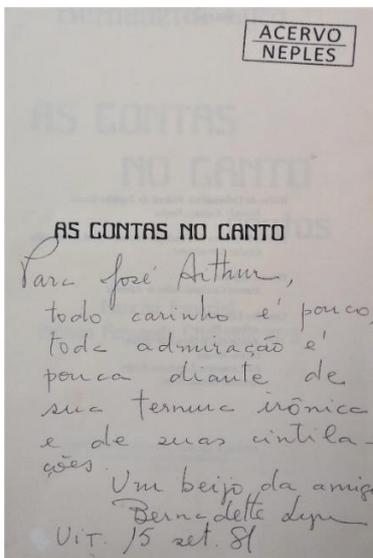
semana. A mulher de “Os pântanos” (AC) encontra um crocodilo no banheiro numa segunda-feira (dia da lua). Urano e Saturno determinam o signo de Aquário, este está presente em “No último círculo” (AC). (*Ler “Urália” - JD*)

Vingança – Com “Hotel Hollywood” (AC) a autora revisita a mitologia grega e retorna com uma versão masculina do mito de Pandora. Vingança no sentido mais completo de retribuição. Não apenas contra os homens. Com ironia sutil que chega à crueldade requintada desmobiliza a ordem estabelecida a partir das convenções adotadas pelo enclausurado universo feminino. “Uma mulher decente não arde” – pensa Deleide (jogo com a palavra inglesa *lady*) de “O que a tartaruga disse à dama” (CV). A mãe de Ana (AD) orgulha-se de “Uma vida irrepreensível de dama (...) Sem sujeiras, sem obscenidades, sem...”. Nos jogos de tantas convenções também são desnudados os graus de “parentescos” que dissimulam relações com o “tio” de “Sessão cultural” (AC). (*Ler O que a tartaruga disse à dama” – CV*)

Xanadeu Beterrene de Vigo. “Eu costume chamar-lhe Xanu” – é o animal predileto do personagem-narrador de “Lobos essenciais” (JD). Mais uma vez o conto invade a fábula, “uma peça antológica” na classificação de Muniz Sodré. A autora introjeta a maldade para devolver ao leitor o cotidiano da violência. Cinza, como o pelo de Xanu, a estória se desenrola sob um “céu de fuligem e gases”, com precisão e ritmo. BL apodera-se não só de lobos como também de morcegos e camaleões para escrever sobre “forças obscuras que emergem do inconsciente (J. S. Brandão). Em “O Jardim das Delícias” o morcego e o camaleão convivem na paisagem e em BL as palavras desenham o vôo do quiróptero. O camaleão de “Princesa das czardas” é citado duas vezes em AD. (*Ler “Lobos essenciais” – JD*)

Zinco – “Uma lua de zinco tentava, inutilmente, luzir” – esse trecho de “Tempos modernos” (JD) assinala a presença dos metais nos contos da autora: ouro, prata, ferro etc., muitas vezes em recursos insólitos que atingem um universo

poético muito particular. Se a cada metal o leitor acrescentar o planeta regente, toda a simbologia dos livros de BL ficará profundamente enriquecida. As referências à natureza são várias. Uma das velhas de "O Jardim das Delícias" possui "olhos de ágata dissolvidos no gelo". A (re)invenção da paisagem com um "sol roxo" e seus elementos em "Blau", "lagartas de luz escorriam" em "Princesa das czardas" (ambos em JD) alcançam uma dimensão lírica em que é difícil classificá-los apenas como contos. (*Ler "Tempos modernos" - JD*)



Fac-símile do autógrafo de Bernadette Lyra a José Arthur Bogéa, de 1981.

